

Caminhos de descolonização na formação em psicologia em uma universidade pública da Bahia: repensando o normal e o patológico

Mailson Santos Pereira³

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21134878>

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar uma experiência de docência em Psicologia no componente curricular *Processo Integrado de Trabalho IV – PIT IV*, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, responsável por articular os demais componentes do quarto semestre da formação em Psicologia, tendo como eixo organizador "a constituição do sujeito: desenvolvimento normal e patológico". A experiência teve início a partir da provocação de discentes negras/os ao questionarem a ausência da questão racial nas teorias psicológicas mobilizadas ao longo da formação, especialmente em um contexto como o da Bahia, cuja população é majoritariamente negra. Esse questionamento, articulado ao percurso formativo do docente na graduação em Ciências Sociais e na Especialização em Psicologia da Descolonização, impulsionou o redesenho do plano de curso do componente. Trata-se de um relato de experiência docente, desenvolvido ao longo de três semestres letivos (2024.2, 2025.1 e 2025.2), fundamentado em levantamento bibliográfico não sistemático e na revisão contínua do plano de curso. Inicialmente, foram incorporadas contribuições do pensamento psicológico brasileiro sobre as relações étnico-raciais e da Psicologia Social Crítica Latino-Americana para problematizar as definições de normalidade e patologia, mobilizando autoras/es como Frantz Fanon, Neusa Santos Souza, Guerreiro Ramos, Maria Aparecida Silva Bento, Hildeberto Vieira Martins, Renan Vieira de Santana Rocha, Ignácio Martín-Baró, entre outras/os. Ao longo dos semestres, novas referências foram incorporadas e as discussões ampliadas para outros marcadores sociais da diferença, incluindo gênero, sexualidades, deficiência e povos indígenas, problematizando os processos históricos de patologização e exclusão produzidos pelo saber psicológico hegemônico. O percurso desenvolvido contribuiu para tensionar o cânone tradicional da Psicologia, promovendo reflexões críticas acerca dos processos de subjetivação e das desigualdades que atravessam a constituição dos sujeitos no contexto brasileiro. Considera-se que a experiência colaborou para a ampliação do repertório analítico das/os estudantes e para a construção de uma formação em Psicologia comprometida com a crítica às bases eurocentradas do campo, constituindo-se como uma experiência de descolonização da formação psi.

Palavras-chave: Formação em Psicologia. Relações étnico-raciais. Descolonização. Ensino superior. Normal e Patológico.

³ Psicólogo Social – CRP03/7767; Mestre em Ciências Sociais pela UFRB e em Estado, Governo e Políticas Públicas pela FLACSO; Discente do Doutorado em Ciências Sociais pela UFBA; Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Estado Democrático e Direitos do DEDC/UNEB; e Coorientador da Liga Acadêmica de Psicologia Social Latino-Americana do IPSS/UFBA.

Por onde vão meus passos

A formação em Psicologia no Brasil tem sido historicamente marcada por referenciais eurocentrados, que nem sempre consideram a centralidade das relações étnico-raciais na constituição dos sujeitos. Em contextos como o da Bahia, onde a população é majoritariamente negra⁴ (IBGE, 2023), essa lacuna torna-se ainda mais evidente. A discussão aqui desenvolvida emerge a partir de questionamentos de discentes negras/os acerca da ausência do marcador racial nas teorias psicológicas abordadas na formação.

Neste sentido, objetivou-se relatar e analisar a reformulação do Plano de Curso do componente curricular *Processo Integrado de Trabalho IV – PIT IV*, da UFBA, a partir da incorporação da centralidade da questão racial no debate sobre o normal e o patológico.

Trata-se de um relato de experiência docente, de uma atuação desenvolvida ao longo de três semestres (2024.2, 2025.1 e 2025.2), que se fundamentou em levantamento bibliográfico não sistemático e na revisão contínua do plano de curso. O percurso incluiu o resgate histórico do pensamento psicológico sobre as relações étnico-raciais, com base em autores/as como Frantz Fanon, Ignacio Martín-Baró, Neusa Santos Souza, Maria Aparecida Silva Bento, Hildeberto Vieira Martins, Renan Vieira de Santana Rocha, entre outros, além da utilização de documentários como “Estamira” e “Holocausto Brasileiro”.

Pelas idas e vindas da (re)construção de um plano de curso

Em março de 2024, iniciei minha terceira experiência de atuação docente como professor substituto do ensino superior, novamente na UFBA - anteriormente, havia atuado como professor substituto de Psicologia na UFBA, em 2014.1, e na UFRB, em 2019.1 e 2019.2, — junto ao Instituto de Psicologia e Serviço Social – IPSS, ministrando componentes de Psicologia para outras graduações. Fiquei responsável por algumas turmas do componente curricular *Psicologia I* para os cursos de Administração e Direito, além do componente *Psicologia e Saúde* para o curso de Serviço Social.

⁴ Conforme dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, em 2024 a Bahia tinha 80,7% de pessoas declaradas como pretas e pardas, configurando-se como a segunda unidade federativa brasileira com maior proporção de população negra no país (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2025).

Até então, as experiências anteriores de docência do ensino superior em Psicologia para outras graduações — já tinha experiência de ter lecionado para estudantes do Bacharelado em Direito, em Serviço Social, em Fonoaudiologia, em Secretariado Executivo, da Licenciatura em História, em Artes Visuais e da Licenciatura e do Bacharelado em Ciências Sociais vinham me instrumentalizando e se configurando como experiências prévias importantes. Além disso, os processos formativos que realizei, como os dois mestrados e diversas especializações, entre elas *Docência do Ensino Superior* e *Metodologias Ativas*, possibilitaram-me transformar minha prática e ampliar minha compreensão acerca do fazer docente.

No entanto, para o semestre 2024.2, a Coordenação Acadêmica do IPSS convidou-me a assumir um componente curricular da graduação em Psicologia, *Projeto Integrado de Trabalho IV – PIT IV*, voltado para estudantes do quarto semestre do curso. Esse convite levou-me a repensar minhas experiências docentes e a refletir sobre a formação de novas/os profissionais de Psicologia, algo que eu ainda não havia experienciado diretamente no contexto de uma disciplina obrigatória da matriz curricular.

Como de costume, busquei o Projeto Pedagógico do Curso – PPC de Psicologia da UFBA com o objetivo de analisar a ementa e compreender a proposta do PIT IV na formação das/os estudantes, bem como identificar os componentes que já deveriam ter sido integralizados pelos discentes, nos semestres anteriores, e aqueles ofertados no quarto semestre do curso. Por se tratar de um componente curricular sequencial, eu queria compreender o sentido dos PITs ao longo da formação em Psicologia.

No diálogo com a Coordenação Acadêmica e na leitura do PPC e de um plano de curso, anteriormente utilizado por outra docente, compreendi que os PIT se configuravam como estágios curriculares básicos, sendo cada um deles organizado em torno de um eixo estruturante correspondente ao semestre formativo. Conforme o PPC do curso:

O estágio básico ou PIT é um conjunto de oficinas que buscam integrar, na prática, os conteúdos trabalhados em cada semestre. PITs funcionarão como oficinas/seminários/intervenções que ocorrem em todos os semestres do núcleo comum. Nesse componente curricular, os discentes e professor-supervisor desenvolverão um projeto de trabalho que integre todas as disciplinas do respectivo semestre (Universidade Federal da Bahia, 2009, p. 25).

Ao todo, a matriz curricular é composta por sete PITs, distribuídos do primeiro ao sétimo semestre, organizados pelos seguintes eixos: 1º semestre – O campo científico e profissional: identidade e diversidade; 2º semestre – A constituição do sujeito e suas bases biológicas; 3º semestre – A constituição do sujeito e suas bases socioculturais; 4º semestre – A constituição do sujeito: desenvolvimento normal x patológico; 5º semestre – Instrumentos para análise e intervenção; 6º e 7º semestre – Diagnóstico, planejamento e intervenção em campos clássicos (Universidade Federal da Bahia, 2009). O texto da ementa dos PITs explicita que:

Os Projetos Integrados de Trabalhos (PITs) correspondem, [...], ao estágio básico curricular, para cada um dos focos organizadores da matriz curricular do núcleo comum. PITs funcionarão como oficinas que ocorrem em todos os semestres do núcleo comum. Tais oficinas serão desenvolvidas dentro da lógica de um currículo por projetos. Ou seja, cada conjunto de discentes deverá desenvolver um projeto de trabalho orientado por um docente, envolvendo prática, que articule os conhecimentos que estão sendo ministrados em cada semestre. O tema que articula os conteúdos curriculares de cada semestre foi definido como o foco que orientará os trabalhos das oficinas (Universidade Federal da Bahia, 2023, p. 1).

A partir dessas questões, comecei a elaborar uma proposta de plano de curso que considerasse, como estratégia de produção do conhecimento e avaliação, a Aprendizagem Baseada em Projetos, além dos registros das aprendizagens em portfólios individuais, aspectos que serão objetos de outros relatos de experiência. Paralelamente, selecionei algumas referências introdutórias para a discussão acerca do normal e do patológico, como a obra clássica de Georges Canguilhem, “O normal e o patológico” (1943 [2009]), além de textos posteriores que revisitaram suas contribuições (Coelho; Almeida Filho, 1999; Dias; Moreira, 2011; Serpa Jr., 2003), bem como referências sobre medicalização da vida e da infância (Guarido, 2007; Franco; Mendonça; Tuleski, 2020) e o documentário “Estamira” (2004).

A intenção era que o restante do percurso da disciplina fosse complementado pelas referências mobilizadas pelos grupos de estudantes em seus projetos, possibilitando à turma o compartilhamento de inquietações, leituras e produções decorrentes das investigações desenvolvidas. No entanto, em uma das aulas iniciais, algumas/uns estudantes negras/os questionaram o fato de a Psicologia, em suas diversas referências epistemológicas, teóricas e metodológicas, não considerar a questão étnico-racial. Essa provocação permaneceu tensionando minhas reflexões, especialmente porque eu também concordava com as/os estudantes e já vinha tendo

contato com literaturas que problematizavam as relações étnico-raciais nas Ciências Sociais e na Psicologia.

No período em que assumi PIT IV, eu cursava a *Especialização em Psicologia da Descolonização*, pelo Instituto Parentes, além do componente *Ciências Sociais na Bahia*, na graduação em Ciências Sociais da UNEB. Esses percursos formativos fizeram-me compreender como os estudos sobre a população negra no Brasil partiram, historicamente, de perspectivas colonialistas da ciência hegemônica e como, ao longo do século XIX e XX, bem como nas primeiras décadas do século XXI, diferentes autoras/es tensionaram essas leituras, produzindo saberes contra-hegemônicos⁵ e contribuindo para processos de descolonização das Ciências Sociais e da Psicologia. Entre essas referências estão Fanon (1952 [2008]); Ramos (1957 [1995]); Souza (1983[2021]); Santos, Schucman e Martins (2012); Bento (2014; 2022); Costa e Mendes (2020); Faustino e Oliveira (2020); Nasciutti (2021; 2023) e Rocha (2023; 2025).

Dessa forma, redesenhei o restante do programa do componente, incluindo essas referências, além do documentário “Holocausto Brasileiro” (2016), e debatendo com a turma como as questões étnico-raciais foram cruciais para as definições entre normal e patológico no Brasil. Organizei os debates a partir dos seguintes eixos: “Contribuições do Pensamento Psicológico Brasileiro sobre as relações étnico-raciais para pensar o normal e o patológico na Psicologia – final do séc. XIX e início do séc. XX; 1930 até 1950; 1990 em diante”, “Contribuições de Frantz Fanon para Pensar a Saúde Mental”, “As contribuições de Neusa Santos de Souza para o debate das relações étnico-raciais no campo psi e as relações com a saúde mental”; e “Branqueamento e Branquitude no Brasil e seus efeitos para a Saúde Mental – contribuições de Guerreiro Ramos e Cida Bento”.

Esse primeiro percurso realizado foi consolidando, no docente, a perspectiva da Psicologia Social Crítica Latino-americana, da qual venho me nutrindo teoricamente, contribuindo para o fortalecimento da compreensão de que o debate acerca do normal e do patológico deve ser realizado a partir de uma perspectiva crítica, especialmente quando se considera o conceito fanoniano de sociogênese do sofrimento psíquico (Oliveira, 2020). A experiência de conduzir essas discussões, associada ao formato

⁵ Compreendem-se como saberes contra-hegemônicos as produções de conhecimento que contestam e enfrentam as lógicas genocidas e epistemicidas, historicamente presentes nos processos de produção, validação e circulação do conhecimento nas universidades ocidentalizadas (Grosfoguel, 2016), contribuindo para a valorização de epistemologias subalternizadas e de perspectivas plurais de compreensão da realidade.

adotado para as atividades avaliativas, também motivou o docente a pleitear a continuidade de sua atuação no componente no semestre subsequente.

Em 2025.1, após a avaliação realizada pela turma de 2024.2, acerca do desenvolvimento do componente, — expressa tanto no último dia de aula quanto nos relatos registrados nos portfólios, que apresentavam sugestões colaborativas para seu aperfeiçoamento, — e, diante do aprofundamento das leituras realizadas na Especialização em Psicologia da Descolonização e na graduação em Ciências Sociais, reorganizei o plano de curso, acerca da temática étnico-racial, por meio dos eixos: “Contribuições de Frantz Fanon e Martin-Baró para Pensar a Saúde Mental”, “Contribuições do Pensamento Psicológico Brasileiro sobre as relações étnico-raciais para pensar o normal e o patológico na Psicologia - final do séc. XIX e início do séc. XX; e 1930 até 1950; 1990 em diante”, “As contribuições de Neusa Santos de Souza e Isildinha Baptista Nogueira para o debate das relações étnico-raciais no campo psi e as relações com a saúde mental”, “Branqueamento e Branquitude no Brasil e seus efeitos para a Saúde Mental – contribuições de Guerreiro Ramos e Cida Bento” e “Práticas antirracistas na Saúde Mental – contribuições de Emiliano David”. Foram incorporadas novas referências, como Fanon (1962 [2022]); Martín-Baró (1984 [2017]); Nogueira (2016); Schucman e Martins (2017); Bernadino-Costa e Brito (2022) e David e Vicentin (2023).

Neste semestre, a professora Maricelly Gómez Vargas, responsável pelo componente *Psicopatologia*, entrou em contato comigo com o intuito de articularmos a dimensão prática dos dois componentes e potencializarmos as discussões sobre o normal e o patológico, de forma que tive contato com o plano de curso do componente ministrado por ela e ela da minha proposta de PIT IV para 2025.1. Foi possível verificar a adoção de uma perspectiva descolonizadora em psicopatologia por parte da docente em questão, como também algumas referências em comum nos dois planos.

Esse foi o momento de consolidar, por minha parte, a proposta de plano de curso para PIT IV, compreendendo que o debate sobre as relações étnico-raciais, nesse semestre da formação em Psicologia na UFBA, potencializava a compreensão dos processos de constituição do sujeito no Brasil e na Bahia, além de ampliar o repertório analítico das/os discentes. Além disso, essa perspectiva estabelecia interlocuções diretas com os conteúdos trabalhados pelas/os docentes dos demais componentes curriculares do quarto semestre, a saber: *Psicologia do Desenvolvimento da Criança*; *Psicologia da*

Adolescência, da Vida Adulta e Velhice; Psicologia da Família; Psicopatologia; e Pesquisa em Psicologia I.

Cabe destacar que, paralelamente, a partir de 2025.1, passei a acompanhar, na condição de coorientador, a Liga Acadêmica de Psicologia Social Latino-Americana – LAPSOL, que havia sido recentemente estruturada. Nessa função, participei das reuniões quinzenais do grupo de estudos da LAPSOL, nas quais discutíamos e aprofundávamos referências fundamentais para a consolidação de uma perspectiva crítica na formação das/os ligantes.

Algumas/uns dessas/es estudantes da Liga também cursavam PIT IV sob minha docência, o que possibilitava revisitar conteúdos e estabelecer conexões com as discussões desenvolvidas no componente curricular. Este diálogo entre os espaços formativos produziu importantes ressonâncias, tanto em mim quanto nas/os discentes, ampliando a compreensão da constituição do sujeito psicológico no contexto brasileiro e baiano, fortalecendo uma leitura crítica dos processos de subjetivação e das determinações sociais que nos atravessam.

Em 2025.2, mantendo a parceria com a professora Maricelly, foi possível redesenhar novamente o plano de PIT IV, sobretudo em razão da tramitação, já em curso há alguns semestres, do componente curricular obrigatório *Racismo e Antirracismo na Psicologia Brasileira*, a ser incorporado à matriz curricular do terceiro semestre do curso para as turmas ingressantes. Ademais, no processo de avaliação do componente, realizado ao final do semestre em questão, algumas/uns estudantes apontaram a necessidade de incluir outros marcadores sociais da diferença e de aprofundar a reflexão acerca de suas implicações para o debate sobre o normal e o patológico na Psicologia.

Diante dessas questões, algumas discussões foram sintetizadas e outras incorporadas, especialmente aquelas relacionadas à patologização do gênero, das sexualidades, das pessoas com deficiência e dos povos indígenas. Os eixos de discussão ficaram da seguinte forma: “Contribuições de Frantz Fanon e Martin-Baró para Pensar a Saúde Mental”, “Contribuições do Pensamento Psicológico Brasileiro sobre as relações étnico-raciais para pensar o normal e o patológico na Psicologia”, “Patologização do Gênero, da Sexualidade, das Pessoas com Deficiência e dos Povos Indígenas”. Neste momento, acrescentaram-se referências como Engel (2008); De Mello (2015); Silva, Leite Júnior e Nascimento (2023); D’Onofrio, Lozato, Cornacchioni e Franquini (2024).

O último percurso trilhado como professor substituto na UFBA e na docência deste componente foi marcado pela presença de um número maior de discentes de PIT

IV que eram ligantes da LAPSOL e já possuíam contato prévio comigo. Dessa forma, a condução do processo formativo foi permeada por aprofundamentos teóricos e reflexões críticas, ainda que em um semestre atípico⁶, em razão das questões relacionadas à implantação do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas - SIGAA nos cursos de graduação⁷.

A inclusão de novas temáticas relacionadas aos processos de definição do que é considerado normal e patológico ampliou significativamente as discussões desenvolvidas no componente, sinalizando uma direção teórico-metodológica promissora para o desenvolvimento futuro deste componente. Considerando que o debate das relações étnico-raciais passou a integrar a matriz curricular obrigatória da formação em Psicologia na UFBA por meio do componente *Racismo e Antirracismo na Psicologia Brasileira*, compreende-se que PIT IV, enquanto componente de estágio básico voltado à articulação dos conteúdos trabalhados no quarto semestre, pode contribuir para trazer à tona os diversos marcadores sociais da diferença que tensionam as definições de normalidade e patologia em nossa sociedade.

Nesse sentido, o componente pode constituir-se como um espaço privilegiado para a articulação crítica entre os conhecimentos psicológicos e as múltiplas formas de desigualdade que atravessam a realidade brasileira, favorecendo uma compreensão mais complexa e contextualizada dos processos de constituição do sujeito. Além disso, possibilita problematizar como esses marcadores atravessam os processos de subjetivação, produzindo experiências desiguais e incidindo de maneiras distintas nos processos de sofrimento e adoecimento psíquico.

Nesse momento, tornava-se cada vez mais nítido para mim que a descolonização da produção do conhecimento em Psicologia e da formação de novas/os profissionais exige um esforço contínuo, intelectual, intencional e, eu diria, até militante de revisão crítica dos pressupostos que historicamente estruturaram o saber psicológico. Trata-se de deslocar para o centro do debate sujeitos, experiências e formas de existência historicamente subalternizadas e frequentemente invisibilizadas pelo saber psicológico hegemônico, que, ao buscar instituir uma noção universal de ser humano, acabou por

⁶ A atipicidade do semestre letivo 2025.2 foi regulamentada por meio da Resolução CONSEPE/UFBA n. 03/2025 (Universidade Federal da Bahia, 2025).

⁷ Conforme aponta a própria instituição, “a migração dos processos acadêmicos do antigo sistema – SIAC para o SIGAA na graduação vem sendo planejado com profundidade ao longo de 2025, por meio de encontros e amplo debate com a comunidade acadêmica” (Guerra, 2025). No entanto, sua implementação foi marcada por diversos problemas operacionais e tensões institucionais, a ponto de o semestre 2025.2 ser considerado atípico.

produzir uma abstração descolada da diversidade concreta que caracteriza a experiência humana.

O caminho segue por aqui

O relato de experiência da atuação docente junto ao processo formativo de futuras/os psicólogas/os, bem como a reflexão sobre a constante (re)formulação do componente — que passou a incorporar a centralidade das relações étnico-raciais na análise dos processos de normalidade e patologia, articulando contribuições interdisciplinares e produções críticas da Psicologia — constituiu-se como um singular processo de reconhecimento de como os percursos pelos quais trilhamos, os (des)encontros que nos permitimos vivenciar e a abertura aos questionamentos das/os discentes são capazes de (re)construir saberes consolidados e encontrar novas rotas da produção do conhecimento. Isto se mostra especialmente relevante para a construção de uma Psicologia que se desvencilhe das amarras coloniais que a constituíram e que permanecem tão cristalizadas nos currículos das graduações dessa área.

Ao longo dos semestres, novas referências foram sendo incorporadas e as discussões se ampliaram para outras dimensões da diferença, como gênero, sexualidades, deficiência e povos indígenas. Esse movimento permitiu problematizar como as definições de normalidade e patologia foram historicamente construídas a partir de parâmetros eurocentrados, racializados, capacitistas, cisheteronormativos e coloniais, contribuindo para processos de exclusão, marginalização e patologização de diferentes sujeitos e modos de existência. Dessa forma, o componente passou a tensionar não apenas as bases epistemológicas da Psicologia, mas também os efeitos concretos que tais concepções produzem nos processos de subjetivação e nas práticas profissionais.

Considera-se que esse percurso tensionou o cânone hegemônico da produção teórica da Psicologia e do fazer psicológico frente ao debate sobre o normal e o patológico na formação das/os discentes que passaram pelo componente analisado, contribuindo para a promoção de rupturas epistêmicas e para a ampliação da compreensão dos processos de constituição do sujeito no contexto brasileiro e baiano. Ao trazer para o centro da formação experiências historicamente invisibilizadas e subalternizadas, o componente favoreceu a construção de leituras mais complexas e contextualizadas sobre sofrimento, saúde mental e diversidade humana.

A experiência evidenciou a importância de uma formação em Psicologia comprometida com a realidade social e com a crítica às bases eurocentradas do campo, colaborando para um processo de descolonização da formação de profissionais da Psicologia. Nesse percurso, a centralidade da questão racial mostrou-se um ponto de partida fundamental, mas não exclusivo, para a construção de práticas formativas mais éticas, críticas e socialmente comprometidas. A articulação entre raça, gênero, sexualidades, deficiência, pertencimentos étnicos e outras formas de diferenciação social revelou-se indispensável para compreender a complexidade dos processos de subjetivação e para a construção de uma Psicologia efetivamente comprometida com a pluralidade das experiências humanas e com a descolonização do saber psicológico.

Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 25-57

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BERNADINO-COSTA, Joaze; BRITO, Yuri Santos de. O negro-vida e o branco-tema: apontamentos sobre uma nova patologia social do branco brasileiro. **Sociedade e Cultura**, v. 25, e. 72743, p. 1-40, 2022.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

COELHO, Maria Thereza Á. D.; ALMEIDA FILHO, Naomar. Normal-patológico, saúde-doença: revisitando Canguilhem. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, 13-36, 1999.

COSTA, Pedro Henrique Antunes de; MENDES, Kíssila Teixeira. Colonização, Guerra e Saúde Mental: Fanon, Martín-Baró e as implicações para a Psicologia Brasileira. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, e36nspe14, p. 1-12, 2020.

DAVID, Emiliano de Camargo; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Práticas antirracistas na Rede de Atenção Psicossocial: racializar e desnortear. **Psicologia & Sociedade (online)**, v. 35, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6V5s3KqZnwmGj7WVccymnfx/?lang=pt>. Acesso em 22 mar. 2025.

DE MELLO, Anahi Guedes. “Ou todo mundo é louco ou ninguém é!”: refletindo sobre possibilidades de articulação entre deficiência e loucura. Vivência: **Revista de Antropologia**, v. 1, n. 44, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/7022>. Acesso em: 18 ago. 2025.

DIAS, Diego Alonso Soares; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. As Vicissitudes dos Conceitos de Normal e Patológico: Relendo Canguilhem. **Revista Psicologia e Saúde**, vol. 3, núm. 1, p. 77-85, jan.-jun. 2011.

D’ONOFRIO, Isabella Croccia; LOZATO, Ana Laura Araújo; CORNACCHIONI, Isabella Perpetuo; FRANQUINI, Maria Eduarda. A gênese do sofrimento psíquico das juventudes indígenas e a construção de resistências e identidades. In: FERNANDES, Saulo Luders; NOGUEIRA NETO, José Maria; BATISTA, Kevin Samuel Alves (orgs.). **Saúde, sabedoria popular e práticas de cuidado para o bem viver**. Fortaleza: Editora Parentes, 2024, p. 47-58.

ENGEL, Magali Gouveia. Sexualidades interditadas: loucura e gênero masculino. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, Supl., p.173-190, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XZfqzSPCKzNFtqnDghn46qs/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2025.

ESTAMIRA. Direção de Marcos Prado. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2004. 1 vídeo (121 min).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 1952 [2008].

FANON, Frantz. Guerra colonial e distúrbios mentais. FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962 [2022], p. 249-319.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Maria Clara dos Santos. Frantz Fanon e as máscaras brancas na Saúde Mental: subsídios para uma abordagem psicossocial. **Revista da ABPN**, v. 12, p. 6-26, out. 2020.

GUERRA, Murilo. Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) será adotado na graduação a partir do semestre 2025.2. **UFBA em Pauta**. Salvador, 27 maio 2025. Disponível em: https://ufba.br/ufba_em_pauta/sistema-integrado-de-gestao-de-atividades-academicas-sigaa-sera-adotado-na-graduacao. Acesso em: 10 jun. 2026.

GROSGOUEL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan.-abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2025.

HOLOCAUSTO brasileiro. Direção: Armando Mendez e Daniela Arbex. Produção: HBO. [S. l.]: HBO Latin America, 2016. 1 vídeo (88 min).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade - Resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Guerra e saúde mental. *In*: MARTÍN-BARÓ, Ignacio, **Crítica e libertação na Psicologia: Estudos psicossociais**. Editora Vozes, 1984 [2017], p. 251-270.

NASCIUTTI, Luiza Freire. SOUZA, Neusa Santos. 2021. Resenha Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 37, p. 1-11, 2021.

NASCIUTTI, Luiza Freire. Neusa Santos Souza e o “Tornar-se negra/negro” enquanto projeto de autonomia através do discursos de si. **Novos Debates**, v. 9, n. 2, p. 1-33, 2023.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. A Saúde Psíquica da População Negra. *In*: Oliveira, Regina (org.). **Cenários da saúde da população negra no Brasil: diálogos e pesquisa**, Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 17-24.

OLIVEIRA, Maria Clara dos Santos. **A sociogênia do sofrimento psíquico em Frantz Fanon**. 2020. 57 f. TCC (Serviço Social) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/4284154e-7cdc-4f83-9ee7-e252c13559aa>. Acesso em: 11 jun. 2026.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Patologia social do “branco” brasileiro. *In*: RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Editora UFRJ, 1957 [1995], p. 171-192.

ROCHA, Renan Vieira de Santana. **História do Pensamento Científico Brasileiro sobre Saúde Mental e Racismo: da eugenia ao mito da democracia racial**, v. 01, São Paulo: Editora Instituto Conhecimento Liberta, 2023.

ROCHA, Renan Vieira de Santana. **História do Pensamento Científico Brasileiro sobre Saúde Mental e Racismo: Das Teorias Críticas às Práticas Antirracistas**, v. 02. São Paulo: Editora Conhecimento Liberta, 2025.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve Histórico do Pensamento Sobre Relações Étnico-Raciais. **Psicologia, Ciência e Profissão**, n. esp. 32, p. 166-175, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do “objeto da ciência” ao sujeito político. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, p. 172-185, 2017.

SERPA JR., Octavio Domont de. Indivíduo, organismo e doença: a atualidade de “o normal e o patológico” de Georges Canguilhem. **Psicologia Clínica**, v. 15, n. 1, p. 121-135, 2003.

SILVA, Ádrea Rodrigues Padilha da; SANTOS, Adrienne Cristyna Silva dos; GAIA, Jhonatan Wélington Pereira; LEBREGO, Arina Marques. Corpos femininos e loucura: Sofrimento psíquico, relações de gênero e suas interseccionalidades. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 9, n. 4. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/54098>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SILVA, Luan Layzon Souza; LEITE JUNIOR, Francisco Francinete; NASCIMENTO, Isaac Marlon Vasconcelos do. Saúde mental e o cuidado à população LGBTQIAPN+: orientação sexual e diversidade de gênero como determinantes sociais da saúde. **Revista Sustinere**, v.11, n.1, 167–190, nov. 2023. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/55434/47193>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 1983 [2021].

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. SEI divulga análise sobre desigualdade racial na Bahia no Mês da Consciência Negra. **Secretaria de Comunicação Social da Bahia**. Salvador, 19 nov. 2025. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/comunicacao/noticias/2025-11/376005/sei-divulga-analise-sobre-desigualdade-racial-na-bahia-no-mes-da>. Acesso em: 11 maio 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Projeto Pedagógico de Psicologia**. Salvador: Instituto de Psicologia, 2009. Disponível em: https://ips.ufba.br/sites/ips.ufba.br/files/projeto_pedagogico_do_curso_de_psicologia_0.pdf. Acesso em: 12 abr. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Plano de Ensino-Aprendizagem do Componente Curricular IPSC16 – Projeto Integrado de Trabalho IV**. Salvador: Instituto de Psicologia, 2023. Disponível em: <https://ips.ufba.br/sites/ips.ufba.br/files/ipsc16.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Resolução n. 03/2025**. Dispõe sobre a atipicidade do semestre letivo 2025.2. Salvador: Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2025. Disponível em: https://ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/resolucoes/resolucao_no_03.2025_-_consepe.pdf. Acesso em: 10 jun. 2026.